



Quando um navio de cruzeiro naufragou
na Antártida, uma viajante viveu
uma aventura inesquecível

Salva-vidas

POR CATHY FREE

Lisa Paisola passara quase duas semanas a bordo de um navio de cruzeiro nas temperaturas glaciais da Antártida, mas nunca sentira um frio como aquele. Amontoada com outras 32 pessoas num bote salva-vidas sacudido pelo vento feroz, ela segurava o fôlego toda vez que a embarcação parecia mergulhar no oceano e era levantada por grandes ondas. O borrifo gelado lhe causava dor de cabeça imediata e entorpecia-lhe as bochechas. Vestida com roupas íntimas compridas, um suéter grosso, calças à prova d'água e um casaco curto com capuz, forrado de pele, Lisa ainda tremia de maneira incontrolável e percebia que não conseguia mais sentir os dedos dos pés.

Ela se voltou para a tia de 63 anos, Kay Van Horne, apertada a seu lado:

– Este pode ser o último nascer do sol que vemos na vida – disse, apontando para o brilho laranja a distância. De certo



Lisa Paisola,
que cresceu na
pequena cidade de
Newark, em Ohio,
Estados Unidos,
estabeleceu uma
meta quando ainda
era adolescente:
viajar o mundo todo.

modo, a cena era estranhamente bela, com os imponentes *icebergs* dispostos em tons pastel pela luz da aurora.

Kay apertou a mão da sobrinha:

– Não nos preocupemos com algo que não podemos controlar – respondeu. – Se for nossa hora de ir, será.

Nas cinco horas seguintes, flutuando no mar gelado, as duas mulheres dependiam uma da outra para manter viva a esperança.

Professora substituta em Denver, Kay vivia para viajar. Ela e sua sobrinha igualmente aventureira já haviam até cruzado o Marrocos no lombo de um camelo. Lisa, 38 anos, investidora em imóveis de North Salt Lake, Utah, havia feito cruzeiros por seis continentes. As duas tinham pago 15 mil dólares pela viagem à Antártida, que,

sões guiadas por experientes especialistas para observar a vida selvagem nas ilhas ao redor, e desfrutando daquela paisagem gelada e sem poluição.

Após 12 dias no mar, Lisa e Kay preparavam-se para dormir em sua aconchegante cabine quando sentiram um solavanco brusco e forte. Elas já haviam se acostumado ao som que o navio fazia ao cortar as águas geladas, mas aquele era um barulho surdo que, para Lisa, era sinal de problema.

– Vá secar os cabelos – disse à tia, que acabara de tomar banho. – Se acontecer alguma coisa, você não vai querer estar com os cabelos molhados, vai?

– Sinto-me como se estivesse no *Titanic* – respondeu Kay com sarcasmo.

– Como esta noite pode ser longa, talvez seja melhor eu colocar roupas íntimas compridas.

Elas estavam prontas para dormir na cabine

seguindo a trilha do explorador irlandês Ernest Shackleton, as levaria àquele pólo do mundo.


Mas, ao chegar em Ushuaia, na Argentina, onde embarcariam no navio, Lisa deu uma espiada no *MS Explorer* – 39 anos de uso e, propositadamente, compacto para atravessar os fiordes – e pensou duas vezes. Embora quisesse muito chegar ao sétimo continente, ela questionou a ideia de passar 19 dias no que parecia ser um barco de pesca.

Com tranquilidade, Kay convenceu-a a pôr as preocupações de lado, e as duas se acomodaram a bordo, travando conhecimento com seus 89 companheiros de viagem em jantares, excur-

Sentada na cama, despreocupadamente ela ligou o secador na temperatura máxima.

Minutos depois, por volta da meia-noite, soou um alarme, e o capitão do *Explorer*, Bengt Wiman, fez um estridente pronunciamento pelo intercomunicador: “Isto não é um exercício. Vistam seu equipamento ártico e venham imediatamente para a praça de revista!” Antes de deixar o porto, os passageiros haviam sido instruídos que, em caso de emergência, seriam chamados para a praça de revista, ou saguão, o lugar designado para encontro.

Lisa começou a tremer. “Ao ouvir aquele alarme”, diz ela, “eu sabia que



Trinta e três passageiros, entre eles Lisa e Kay, se amontoaram no bote salva-vidas de nº 3.

confortável quando sentiram um solavanco.

iria morrer.” De repente, a recriação da viagem de Shackleton era como pôr o destino à prova. Em 1915, o navio dele, o *Endurance*, foi esmagado pelo gelo no Oceano Antártico e a tripulação, abandonada na Ilha Elefante, só seria resgatada quase dois anos depois.

Grandes desastres com navios de cruzeiro são raros hoje em dia. Problemas médicos, homens ao mar e pequenos crimes podem ocorrer, mas o risco de um navio moderno naufragar é muito pequeno. Mesmo assim, em abril de 2007, o luxuoso *MS Sea Diamond* afundou depois de encalhar ao largo da Ilha de Santorini, na Grécia. Dois de seus quase 1.200 passageiros

desapareceram. Agora o *Explorer* estava prestes a ser notícia em águas bem mais geladas.

Lisa e Kay vestiram os trajes polares e correram para a praça de revista. Ao ver que uns poucos passageiros ainda estavam de pijama, Lisa correu de volta à cabine para buscar uma grande sacola de roupas de inverno. “Eu levava muitas roupas porque não gosto de sentir frio”, explica.

Então colocou a sacola de roupas de baixo compridas, meias e luvas no meio da praça de revista para que todos pudessem pegá-las. Rapidamente, o capitão explicou que o navio atingira gelo submerso e, apesar do

casco reforçado, sofrera um rasgo considerável. Integrantes da tripulação estavam tentando fazer o reparo, mas, admitiu o capitão, os esforços para deter a inundação não pareciam estar sendo bem-sucedidos. A água estava transbordando dos banheiros, sinal de que o navio ia afundar. Lisa sentou-se a um computador ali disponível e enviou *e-mails* para a família, dizendo que amava todos e anexando um esboço de testamento. Em seguida, ofereceu sua conta de *e-mail* aos outros companheiros de bordo, mas ninguém se animou. “Todos estavam sentados em estado de choque”, conta.

Wiman anunciou que fizera uma chamada de socorro e que três navios na área haviam oferecido ajuda, mas que o mais próximo estava a seis horas de distância. Pouco depois de uma da

Trinta e uma pessoas, incluindo dois integrantes da tripulação, espremeiram-se no bote salva-vidas número 3 junto de Lisa e Kay. Com um guincho, sua pequena embarcação foi içada para fora do navio. “Prendemos a respiração”, relembra Kay, “na esperança de que não despencássemos.”

Segundos depois, o barco desceu no mar. Os integrantes da tripulação lutaram, sem êxito, para dar partida no motor, enquanto o barco seguinte descia bem em cima deles, as hélices girando. “Eles não conseguem nos ver!”, gritou Andy White, um dos passageiros. “Temos de nos afastar do navio ou seremos esmagados!”

Arquiteto naval em Essex, na Inglaterra, White, 51 anos, fora campeão de remo. Ele pegou um remo para empurrar o barco e afastá-lo do *Explorer*.

Sem motor, eles estavam indo na direção

manhã, com o *Explorer* adernando de maneira dramática, ele voltou ao intercomunicador. “Abandonar o navio!”, repetiu três vezes. Eles teriam de varar a madrugada em botes salva-vidas. De braços dados enquanto caminhavam pelo convés agora bem inclinado, Lisa e Kay olhavam para o escuro mar abaixo, clareado pelas espumosas cristas das ondas. Sempre otimista, Kay ainda brincou: “Pelo menos há botes salva-vidas suficientes.” Ela viu quando a tripulação juntou às pressas alguns equipamentos de resgate. “Tínhamos de acreditar que sobreviveríamos”, relembra, “do contrário teríamos arrancado os cabelos ali mesmo.”

Quando o remo se quebrou em dois, encontrou outro. Dessa vez, ele e um passageiro a seu lado conseguiram colocar o barco longe o suficiente para começarem a remar, mas descobriram que estavam indo bem na direção de um bloco de gelo de uns dois metros de altura. Os ventos impossibilitavam a navegação, e, sem motor, eles estavam à mercê das ondas. White calculou que bateriam na enorme massa de gelo em questão de minutos.

Ao localizar um machado preso à antepara dianteira do bote salva-vidas, ele teve uma ideia. “Concluí que, se chegássemos à lateral do bloco, eu poderia cavar alguns degraus”, diz ele,



No dia 23 de novembro de 2007, o MS *Explorer* adernou em águas congeladas, para as quais havia sido projetado.

e um bloco de gelo de dois metros de altura.

“e conduzir as pessoas para o gelo.” Elas teriam uma chance.

O bote se estabilizou, mas o enjoo tomou conta: algumas pessoas se inclinaram para vomitar. Lisa encontrou um velho comprimido de Dramamine no estojo de sua câmera e deu à tia. Em seguida, as duas distribuíram alguns aquecedores de mão extras que haviam trazido. “Mantenham o sangue circulando!”, gritava Kay.

Houve outras pequenas demonstrações de bondade enquanto ficavam à deriva naquele mar gelado. Eli Charne, 38 anos, fotógrafo de Irvine, Califórnia, fugira de sua cabine inundada quando o *Explorer* atingira o gelo, dei-

xando para trás seu equipamento fotográfico. E estava no bote sem qualquer vestimenta à prova d'água. Um passageiro lhe deu uma de suas luvas e outro dividiu com ele o cobertor. Duas mulheres a seu lado incentivaram-no a agitar mãos e pés. “Eu estava tão fraco que não conseguia parar de tremer”, conta Charne. “Mas qualquer ajuda era bem-vinda.”

Lisa elevou o ânimo de todos ao estender seu poncho de chuva amarelo. Chamada de “Super-Homem” por usar aquela capa em excursões para ver pinguins e focas, Lisa agora dava abrigo a uma dúzia de passageiros que se acomodavam sob a enorme capa.



No navio de resgate Nordnorge, Lisa abraça a tia Kay, que “é uma pessoa muito calma”, diz ela.

Acocorado na proa, White viu dois integrantes da tripulação aproximando-se num bote inflável. Eles lançaram uma corda para rebocar o bote salva-vidas. White não precisaria mais usar o machado, mas temia que ainda estivessem em perigo. O mesmo pensava sua namorada, a enfermeira Lee Moulton, 50 anos, ao perceber que a maioria no barco estava pálida e trêmula. Em questão de horas estariam sob risco de hipotermia.

Moulton preocupava-se em especial com Braden Hanna, de Ontário, Canadá, que, em seus 18 anos, era o passageiro mais jovem do *Explorer*. Desejoso de observar em primeira mão e alertar as outras pessoas sobre os

efeitos do aquecimento global, ele economizara durante anos para pagar aquela viagem. “Eu estava em busca de aventura e achei”, disse a Lee. “Este é um momento bem ruim para estar sem meus pais.”

As calças finas de Braden estavam encharcadas. Envolvendo com os braços o jovem alto, magro e de pernas longas, Lee sussurrou: “Abrace-se a mim. Vou mantê-lo aquecido.” A enfermeira viu que outro homem suava muito, apesar do vento gelado. “Eu estava preocupada com todos nós”, relembra ela. “Os corpos já começavam a congelar.” Embora algumas pessoas falassem baixinho, a maioria se mantinha calada.

Kay pensava nos netos, enquanto Lisa rezava em silêncio. “Eu fazia com Deus todos os tratos possíveis”, confessa ela.

Pouco antes do amanhecer, um helicóptero, que se acreditava ter sido enviado por uma base militar próxima, sobrevoou os barcos. Quando os tripulantes dos botes salva-vidas acenaram e gritaram, Lisa virou-se para a tia e disse: “Finalmente alguém no planeta sabe que estamos aqui.”

Cerca de duas horas depois, um passageiro localizou um navio no horizonte. “Era uma luz bruxuleante do tamanho de uma cabeça de alfinete”, relembra Lisa. Aos poucos, a manchinha ganhou vulto, até que todos pude-

ram distinguir o *Nordnorge*, navio de cruzeiro norueguês. Ele enfrentara várias banquisas para alcançar o *Explorer* em menos de cinco horas.

Todos os 154 naufragos foram transferidos para o *Nordnorge*, onde receberam roupas secas de passageiros ávidos por ajudar. Quando uma mulher lhe estendeu um cobertor, Lisa conta que desatou a chorar e não conseguia segurar as lágrimas. A ela juntaram-se outros que choraram quando o capitão do *Nordnorge* passou pelo *Explorer*, tombado de lado como uma baleia agonizante.

“Aquilo partiu meu coração”, revela Kay. “Há algo mágico na Antártida – os brancos, os azuis, os cinzas, a paisagem vazia de gelo e rocha... É um lugar espiritual. Saber que o navio naufragara ali foi difícil de aceitar.”

Surpreendentemente, a maioria dos passageiros do *Explorer*, provenientes de 14 países diferentes, passou pela experiência sem maiores danos. Dois membros da tripulação sofreram hipotermia branda e um passageiro torceu o tornozelo ao embarcar no bote salva-vidas. Levado para a Ilha do Rei Jorge, a duas horas e meia de distância do local do naufrágio, o grupo passou

algumas noites num centro de pesquisas da Antártida antes de ser levado de avião para uma base militar no Chile, onde todos iniciariam suas jornadas de volta para casa.

Uma investigação sobre o desastre está em andamento, e representantes da GAP Adventures não confirmam relatos de que a empresa teria oferecido aos passageiros reembolsá-los em 8 mil dólares pela parte da viagem que não completaram, e em 1.300 pelos pertences perdidos. Isso não chega nem perto do que Lisa perdeu para o mar, mas, em segurança, de volta a Utah, ela prefere pensar no lado bom. “As estrelas tiveram de estar perfeitamente alinhadas para que todos nós sobrevivêssemos”, diz.

Ela ingressou em dois grupos *on-line*, criados por Andy White e Eli Charne, para manter contato com os amigos da viagem. Até agora, mais de 60 pessoas se inscreveram, enviando fotos, comentários e mensagens de apoio.

Enquanto isso, Lisa está pronta para planejar sua próxima aventura. Embora não tenha riscado de sua lista uma expedição para cruzar o sétimo continente, ela tem outras prioridades. “Daqui por diante, quando viajar, quero estar bem aquecida...”

REFLETINDO

Por que as pessoas passam o aspirador de pó diversas vezes sobre um pedaço de fio, se abaixam, apanham o fio, examinam, e depois devolvem para o lugar onde estava para dar ao aspirador mais uma chance?

Robyn Geer, Austrália

